

**Veja**

**31/7/1996**

**ATLETISMO**

### **Correndo da enxada**

Para Vanderlei Cordeiro de Lima, estar nas Olimpíadas de Atlanta já é um assombro. Filho de uma família de bóias-frias, ele nasceu e cresceu no meio das plantações de café e soja do oeste paranaense. Cedo, o caçula de oito irmãos constatou que sua vida transcorreria como a do pai, preso a um cabo de enxada numa lavoura alheia. "Passamos fome", diz apenas, resumindo como era viver antes de vestir sapatilha. Foi tentar o esporte como escada social, e, seguindo o figurino dos deserdados sociais, começou como ponta-direita do time de Itapira. "Ainda bem que percebi logo que, no futebol como na lavoura, a oferta de mão-de-obra acabava reduzindo minhas oportunidades." Por sorte, além de driblar e chutar, ele era bom também de correr. Resolveu então ser um atleta de corridas. "Quando comecei a correr, realmente só pensava em uma coisa: quero ser alguém na vida", relembra.

Hoje, nove anos depois de se ter inscrito no time de corredores da prefeitura de Itapira, onde também exercia o ofício de zelador do estádio, Vanderlei pode considerar-se alguém na vida. Integra a seleção brasileira, recebe convites de todas as partes do mundo para participar de corridas, tem seu nome no livro de recordes do atletismo com a melhor marca sul-americana da maratona. As corridas lhe deram ainda o sustento próprio e da família. O patrimônio de Vanderlei, hoje atleta da Funilense de Campinas, inclui a casa em que mora na cidade e um sítio no Paraná, como ambicionava nos tempos de bóia-fria. Ali, circula numa caminhonete de cabine dupla, como convém a um fazendeiro. Na semana passada, Vanderlei Cordeiro de Lima chegou à vila olímpica de Atlanta, dosando a impaciência de correr logo a prova que encerrará os Jogos. Não veio antes, nem participou da festa de abertura, para prolongar ao máximo o tempo de treinamento em altitude, em Campos do Jordão, a quase 2 000 metros do nível do mar, como fazem os corredores-gazela do Quênia.

Se os 100 metros rasos são a prova mais nobre das Olimpíadas, a maratona é a mais heróica. A corrida de 42 195 metros, que começa e termina no estádio olímpico mas se desenvolve pelas ruas da cidade, é um teste e tanto de resistência física e mental. O esforço contínuo do corredor dura mais de duas horas, consumindo as últimas migalhas de energia de seu corpo. É uma prova tão dura e tão longa que pouco se aposta em favoritos, ainda menos em vencedores. Em 23 maratonas olímpicas, apenas dois atletas conseguiram vencer por duas vezes: o etíope Abebe Bikila, em 1960 e 1964, e o alemão Waldemar Cierpinski, em 1976 e 1980. O Brasil, que ganhou mais medalhas em atletismo do que em qualquer outra modalidade, chega com gana para competir na maratona. Dos 41 brasileiros que integram a equipe de atletismo, a maior já enviada pelo país a Olimpíadas, seis são maratonistas, e nela se inclui o fluminense Luís Antônio dos Santos, medalha de bronze no Mundial de Atletismo do ano passado. Vanderlei, de 26 anos, venceu a Maratona de Tóquio deste ano com o quarto melhor tempo do mundo — 2h8min38s. Ele se programou para correr apenas duas maratonas em 1996. A primeira, em Tóquio, ele venceu. A segunda é a do próximo domingo, em Atlanta.

*Vanderlei foi ponta-direita e zelador. Hoje é nome forte da maratona*

**(Páginas 102 e 103)**